



Contribuição da geografia histórica e da geo-história para a renovação dos pensamentos geográficos e históricos no século XX

Contribution of historical geography and geo-history to the renewal of geographic and historical thoughts in the 20th century

Érica Sabrina da Silva⁽¹⁾; Joselaine Gonçalves da Silva⁽²⁾; Michele Gomes da Silva⁽³⁾; Vitor Rafael Monteiro de Lima⁽⁴⁾; Ricardo Santos de Almeida⁽⁵⁾

⁽¹⁾Estudante do curso História Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, yeda.love12@hotmail.com;

⁽²⁾Estudante do curso História Licenciatura da UFAL Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, joselaine_go@hotmail.com;

⁽³⁾Estudante do curso História Licenciatura da UFAL Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, michellegomes.2112@gmail.com;

⁽⁴⁾Estudante do curso História Licenciatura da UFAL Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, vittormonteiro.94@hotmail.com;

⁽⁵⁾Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Docente do curso Geografia Licenciatura modalidade a distância pela Universidade Aberta do Brasil/UFAL, ricardosantosal@gmail.com.

Todo o conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos seus autores.

Recebido em: 03 de junho de 2016; Aceito em: 11 de novembro de 2017; publicado em 02 de 09 de 2018. Copyright© Autor, 2018.

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar os rebatimentos do processo de Renovação do pensamento Geográfico e Histórico no século XX utilizando-se da pesquisa bibliográfica tecendo as contribuições da Geografia Histórica e Geohistória que surgiram como crítica a Geografia Moderna do século XIX. Assim, buscamos elucidar como ocorreu esse processo de formação metodológica das correntes de pensamentos, os profissionais que ajudaram a disseminar esse novo método e os *Annales* que trouxeram grandes contribuições introduzindo a “Nova História” através da interdisciplinaridade com as ciências sociais no tempo histórico. Além de mostrar que esses ocorreram três movimentos para essa renovação e que apenas um surgiu fora deste contexto, em 1970.

PALAVRAS-CHAVE: *Annales*, Interdisciplinaridade, Renovação, GeoHistória.

ABSTRACT: This study aims to analyze the refutations of the process of Renewal of Geographical and Historical thought in the 20th century using the bibliographical research weaving the contributions of Historical Geography and Geohistory that emerged as a criticism of Modern Geography of the nineteenth century. Thus, we sought to elucidate how this process of methodological formation of thought currents occurred, the professionals who helped to disseminate this new method, and the *Annales* who brought great contributions by introducing the "New History" through interdisciplinarity with the social sciences in historical time. In addition to showing that these occurred three movements for this renewal and that only one emerged out of this context in 1970.

KEYWORDS: *Annales*, Interdisciplinarity, Renewal, GeoHistory.

INTRODUÇÃO

Falar da renovação do pensamento Geográfico e Histórico não é tão fácil assim, foram vários os contribuintes para esse novo conceito renovado no século XX, foram criados especificamente três movimentos para essa renovação e que surgia da crítica a Geografia Moderna, muitos paradigmas surgiram e foram quebrados com novas teorias. A *Escola dos Annales* foi muito importante nesse aspecto, trouxe para a História e para a Geografia uma visão mais ampla do mundo, quebrando algumas concepções sobre pensamento Geográfico e Histórico e introduzindo a interdisciplinaridade, que era fator primordial deles, temos a junção da história com as diversas ciências sociais como a geografia humana, cultural, a economia, a sociologia, a demografia e a antropologia. Bloch e Febvre foram um dos principais criadores dos *Annales*, onde através de concepções conta a história tradicional da época, renovaram esse princípio histórico.

A Geohistória foi um ato com a projeção de Braudel que significa a ciência do espaço e do tempo, é a combinação de métodos de investigação entre as ciências, renovou as mentalidades dos seres humanos a partir da quarta a sexta década do século XX por meio do grande historiador Fernand Braudel, essa renovação e compreensão da influência do espaço seja da natureza, a cultura, economia ou tudo que influi no lugar que o homem habita causa um grande impacto na formação e convivência do homem, seja na sua mentalidade ou seja na fisiologia, entretanto, isso constituiu a interdisciplinaridade da geografia, história, sociologia e psicologia, e as demais disciplinas da ciências humanas.

PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E METODOLÓGICOS

Através das leituras das obras de José Carlos Reis, *Nouvelle Histoire e o tempo histórico* e *A história entre a filosofia e a ciência*, além de obras de Fernand Braudel, Fernando Perlatto, Hidenburgo Francisco Pires, Guilherme Ribeiro, Keith Thomas, Ana Maria Alfonso-Goldfarb conseguimos ver a relação das ciências naturais, sociais e humanas para a análise desse pensamento, ao ler esses textos vemos a relação que todos trazem no intuito da Geográficos e Históricos do século XX, além de termos contribuições muito importantes de Febvre, Bloch, Paul Vidal de La Blache e Braudel

para a história e as ciências sociais. Buscando através do tempo histórico a interdisciplinaridade com a geografia e as outras ciências.

RESULTADOS E DISCUSSOES

Pensamentos sobre a Renovação da Geografia Histórica – Geo-História

Os novos pensamentos geográficos e históricos surgiram a partir da Escola dos *Annales* e Fernand Braudel, segundo Pires (2008, p. 1) “a história do pensamento Geográfico no século XX conheceu três movimentos de Renovação, Geografia Histórica e Cultural, Nova Geografia ou Geografia Quantitativa e a Geografia Radical Crítica, esses três movimentos surgiram para se opor à Geografia Moderna”.

O surgimento da geografia histórica se deu influenciando por tendências filosóficas, o positivismo e o historicismo. O historicismo, representa a corrente filosófica que se opõe ao racionalismo e que admite que o objeto do conhecimento, é resultado do estudo genético concreto, ou seja, todo conhecimento é ele mesmo conhecimento histórico. A geografia moderna surgiu a partir de contextos filosóficos, científicos e político-econômicas no século XIX. O século XX foi bastante remoto, com guerras e desastres, onde a ciência e a tecnologia pareciam estar envolvidas, a ciência estava deixando de ser exemplo edificante, novas teorias começaram a ameaçar o edifício científico, a filosofia ocupou lugar importante no processo, a história é cada vez menos lembrada.

O caminho histórico conduziu a ciência moderna, pois, só ela conseguiria produzir o verdadeiro conhecimento da natureza. A ciência conquistou vários campos específicos e do saber, agora ela abrange todas as áreas do conhecimento, as verdades da ciência podem ser criadas para parecer eternas, mas elas dependem da época e do lugar, qualquer sociedade tem a capacidade construir sua ciência sendo ela sociedade antiga ou moderna. A ciência contemporânea precisa ter um olhar histórico e filosófico tanto quanto para a história um olhar filosófico e científico, a história da ciência tem um olhar interdisciplinar.

A História é a ciência que mais se relaciona com a geografia, é a ciência que estuda o homem no tempo, seus feitos na organização e construção do espaço geográfico, pelo fato de compreender fenômenos passados em relação a construção do espaço em diferentes períodos, a História apresenta condições geográficas e vice-versa.

Foi em *A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história* — obra praticamente finalizada antes da Primeira Guerra Mundial, porém só publicada no ano de 1922 — que Febvre engendrou e imputou a expressão possibilismo a Vidal de la Blache, ao mesmo tempo que associou o determinismo (termo que já existia) a Ratzel (FEBVRE, 1991 [1922]). Dois fortes motivos o levaram a fazê-lo: em primeiro lugar, o nacionalista Febvre, que defendia a interdisciplinaridade e a ampliação dos temas históricos, queria dialogar com seus compatriotas e fortalecer a Geografia de seu país em relação à Geografia alemã. Para tanto, esforçou-se em desmerecer a pujante contribuição de Ratzel, ao mesmo tempo em que valorizava a Escola Francesa de Geografia. Em segundo lugar, ao enfatizar a dimensão política, a Geografia praticada por Ratzel assemelhava-se à História diplomática, militar e política então hegemônica na França e que Febvre tentava deslocar (RIBEIRO, 2009. p. 9)

Entre todas as ciências, a história é a de relação mais íntima com a geografia. A geografia utiliza-se da história para poder compreender, em tempos passados, a construção do espaço, pois este, como veremos adiante, é o resultado da construção mútua dos diferentes períodos históricos. Contudo, estudar o meio geográfico também é uma condição imprescindível para o conhecimento histórico. (PIRES, 2008. p.02)

Com o avanço do século XIX cada campo da química, medicina e biologia ocupa seu lugar próprio e até específicos da ciência moderna, a sociedade industrial faz com que a história da ciência fique praticamente desaparecida, sem se comparar ao modelo mecânico as ciências naturais construiu seu próprio edifício científico, com o conhecimento humano tenta se criar um modelo para aprimorar o saber científico, o conhecimento evoluía em torno das verdades da natureza que eram sempre os mesmos, os cientistas agora se especializam para cada um falar da sua área. Os fatos históricos servem mais para ilustrar de maneira apenas pitoresca, a discussão de como era produzido o saber científico era cada vez maior, deixando para trás a tradição dos antigos, a história já não era tão lembrada mais.

No fim do século XIX foi que a crítica para o surgimento da Geografia moderna aumentou, com uma grande quantidade de temas que surgiram com essa corrente histórica introduzidos para ao pensamento geográfico. O pensamento geográfico ganhou mais autenticidade no início do século XX com os intelectuais geógrafos do Collège de France, mais especificamente Auguste Longnon e Roger Dion. Ainda nesse período a Geografia histórica disseminou-se entre outro país, por exemplo, os EUA, os geógrafos Carl Ortwin, Derwent Stainthorpe e John Kirttland, formaram a Escola Estadunidense e Geografia histórica.

Auguste Longnon é reconhecido como o fundador da Geografia Histórica, geógrafo e historiador, foi responsável, no Collège de France, pela disciplina Geografia Histórica de 1892 até 1911. Já Roger Dion, além de ter sido professor do Collège de

France de 1948 a 1968, foi também professor das Universidades de Lille e Sorbonne por um longo período. Profundo conhecedor das paisagens rurais da França, escreveu, em 1933, sua tese de doutoramento sobre o Vale de Loire e adquiriu reconhecimento pela grande contribuição que deixou sobre a história das videiras e a Geografia dos vinhos. Em seus estudos, procurou relacionar a “influência do clima, do solo e das tradições de cultivo na história da produção francesa de vinhos e champagnes”. (PIRES, 2008. p. 3).

Carl deu importância ao historicismo e a diversidade cultural, a ação humana na paisagem, daí a geografia cultural começa a ter êxito, o objeto dessa nova geografia é a paisagem, ela é muito crítica tanto pela geografia tradicional tanto pela geografia crítica. Nas últimas décadas do século XX, passa por uma redefinição de conceitos e agora olham para elementos culturais de uma área, a diversidade cultural das sociedades tradicionais, os impactos da ação humana na paisagem, as sociedades modificam a paisagem de acordo com o que precisam através de aspectos culturais.

A Escola Estadunidense foi mobilizada também por Kirtland que propôs uma pesquisa e denominou a Geosofia, iria estudar conhecimentos geográficos a partir das perspectivas e percepções ao longo do tempo a Geosofia histórica seria o estudo da história do pensamento geográfico, passado e presente.

A segunda fase do desenvolvimento Geografia Histórica teve nos anos de 1940 a contribuição de Jon Otto Marius Broek geógrafo holandês, nascido em Utrecht, que estudou a Geografia Social em Utrecht com Louis van Vuuren (1873-1951). Após concluir seus estudos, foi estudar nos Estados Unidos com uma bolsa da Fundação Rockefeller. Produziu um amplo material a respeito das transformações da paisagem e da cultura, na Califórnia, que serviu de base para a confecção de sua tese sobre “Santa Clara Valley California: A Study in Landscape Changes”, escrita em 1932, tinha influência de Carl Sauer. Henry Clifford Darby, geógrafo inglês, nascido em Resolven, país de Gales, Inglaterra. Darby estudou em Cambridge, onde foi professor assistente no Departamento de Geografia, de 1931 a 1945. Após o serviço militar, saiu de Cambridge para assumir uma cadeira de Geografia em Liverpool, de 1945 a 1949 e, mais tarde foi professor da University College London, de 1949 a 1966, passou a ser conhecido pelos estudos que efetuou sobre a Inglaterra no período medieval no livro intitulado: *The Domesday Geography of Eastern England*, escrito entre 1952 a 1977, e fez reconstrução minuciosa em sete volumes da Geografia de Inglaterra no século XIX. Andrew Hill Clark, geógrafo histórico, nascido em Maritoba, que se graduou, em 1930, pela Universidade de McMaster e, em 1938, realizou seu mestrado na Universidade de Toronto. Foi aluno de dois ícones da geografia do século XX, Griffith Taylor, geógrafo

australiano e Carl Sauer, geógrafo estadunidense, de 1941 a 1942 foi professor assistente da Universidade de Conterbury em Chirtchurch, na nova Zelândia, desenvolveu estudos sobre a migração europeia, e contribuiu significativamente para o crescimento da geografia histórica na América do Norte. Os anos de 1950 é importante lembrar de David Lowenthal, nascido em Nova York, graduou-se em História pela Universidade de Harvard 1944. Em 1950, aluno e orientado de Sauer, Lowenthal efetuou seu curso de mestrado em geografia pela Universidade da Califórnia em Berkeley e, em 1958, fez doutorado em História pela Universidade de Wisconsin. Esses geógrafos contribuíram para o crescimento da geografia histórica nos países Anglo-saxônicos, América do Norte, contribuíram para o aprofundamento da geografia histórica.

Na França esse aprofundamento da Geografia Histórica e Cultural foi idealizado por Xavier Planhol e Paul Claval, geógrafos. Planhol (1926), nascido em Paris, é professor emérito de Geografia da Universidade de Paris-Sorbonne (Paris IV). Ensina durante mais de quarenta anos a geografia do mundo Islâmico nas Universidades de Nancy e de Paris e também no Instituto Nacional das Línguas e das Civilizações Orientais. Planhol é conhecido como um grande expoente na área da Geografia Política pela pesquisa que empreendeu sobre o Mundo Turco-Iraniano e sobre os países árabes estudava os temas Pastoralismo, Geografia Histórica e Cultural, Geografia Urbana, política, relação homem e o meio, sendo no campo Turco-Iraniano. Paul Claval, nascido em Paris, é professor doutor da Universidade de Paris IV (Sorbonne) desde 1973. Claval é um dos maiores geógrafos históricos da atualidade. Ao lado do geógrafo Milton Santos, ganhou o prêmio Vautrin Lud, em 1996, equivalente ao prêmio Nobel. Suas obras são referências indispensáveis no estudo da História da Geografia e contribuem no desenvolvimento de pesquisas sobre a origem da Geografia Cultural. Seu trabalho científico tem tratado também de temas sobre outras áreas complementares: são as áreas da sociologia e economia.

O processo de Renovação, representando a descoberta e valorização geográfica pela história. Resultante dessa renovação foi o surgimento da Geo-História no início do século XX, valorizando o diálogo e a pesquisa com outras disciplinas, a interdisciplinaridade entre a história e a geografia na Nova História, é a colaboração entre várias disciplinas e setores, sociedade, natureza, é um encontro que renova cada vez mais o estudo, compreendendo e entendendo melhor o mundo. O século XX foi bastante remoto, com guerras e desastres, onde a ciência e a tecnologia pareciam estar envolvidas, a ciência estava deixando de ser exemplo edificante, novas teorias começaram a ameaçar o edifício científico, a filosofia ocupou lugar importante no

processo, a história é cada vez menos lembrada. O caminho histórico conduziu a ciência moderna, pois, só ela conseguiria produzir o verdadeiro conhecimento da natureza.

A ciência conquistou vários campos específicos e do saber, agora ela abrange todas as áreas do conhecimento, as verdades da ciência podem ser criadas para parecer eternas, mas elas dependem da época e do lugar, qualquer sociedade tem a capacidade construir sua ciência sendo ela sociedade antiga ou moderna. A ciência contemporânea precisa ter um olhar histórico e filosófico tanto quanto para a história um olhar filosófico e científico, a história da ciência tem um olhar interdisciplinar.

Geografia Histórica ou Geo-História?

Trata da geografia do passado, análise das relações entre o homem e a natureza ao longo do processo histórico. Podemos ver essa relação de espaço e tempo, homem e o meio no livro de Keith Thomas: O homem e o mundo natural, onde ele trata das relações e atitudes dos homens segundo os animais e o meio em que vivem. O homem modificou tudo. Também podemos ver outro exemplo, o filme: A Guerra do Fogo, em que os homens passaram por muitas fases para conseguir chegar ao que são hoje, procuraram cada vez mais evoluir sua capacidade cognitiva, um fato descoberto muito importante foi o fogo, e até hoje os homens procuram desenvolver sua capacidade de evolução cada vez mais. Então, é o estudo dos materiais, características e evolução dos espaços, organização territorial e formação social.

O homem passou a civilizar, o trabalho, as vestes, o transporte, o alimento, foram arranjados no meio natural a natureza oferecia ao homem todos os recursos para a sua sobrevivência bastava apenas eles raciocinar, e foi o que aconteceu. O homem começava assim um novo tempo em que se modificava a natureza, vários outros recursos, por exemplo, a química, a física, etc. O gênero buscava cada vez mais o domínio natural a serviço das melhores condições de sobrevivência e via humana, que os afastava cada vez mais da natureza. No século XVII os cientistas aprendiam botânica para estudar as plantas, que serviam para as plantas medicinais, passaram também a domesticar, a caça era fundamental, pois era onde se conseguia o alimento, o trabalho no campo (agricultura) era necessário para conseguir alimentos, os cavalos eram o transporte da época, antes eram feras e foram amansadas para servir de transporte para o homem, tudo isso simbolizava as conquistas do homem. Os cavalos eram da mesma maneira que é hoje com os automóveis uma disputa de quem tem o melhor.

Geo-história é uma dinâmica da Escola dos *Annales*, composta pelos Historiadores: Henri Berr (1863-1954), Marc Bloch (1886-1944), Lucien Febvre (1878-1956) e Fernand Braudel (1902-1985), é o método de investigação e metodologias das ciências: Geografia e História. “O espaço em sujeito dos processos históricos da sociedade.” Pires (2008, p.14) A “nova História” introduzida pelos *Annales* pretende atravessar diversas fronteiras culturais, abrindo a história para o conhecimento de todas as outras ciências.

São as perspectivas espaço-temporais interdisciplinares das ciências humanas, Fernand Braudel foi o percussor da Geo-História. Compreensão das temporalidades a partir do processo histórico de forma disciplinar.

A geografia histórica aborda temas diversos, os representantes renovaram esses pensamentos do século XIX, e procuram cada vez mais uma metodologia que supra as necessidades de melhor compreensão a partir do presente. Eles introduziram novas metodologias, estudando as várias áreas do conhecimento humano, contribuindo para estabelecer a relação de espaço e tempo, passado e presente na formação dos territórios, estudando o desenvolvimento das sociedades a partir das temporalidades, as transformações dos espaços e processo histórico da sociedade.

Braudel e suas contribuições

Braudel é o criador da escola Francesa de Geografia, e lançou a Geo-História na tradição Alemã e os conceitos de “espaço”, “economia” e sociedade.

Quais razões o levaram a criar a “Geo-História”? Segundo Braudel a resposta está na sua percepção da existência de uma dupla crise: a Geografia vivia a crise da “descrição”, enquanto a história sofria a crise da “narração”, ou seja, ambos se pareciam ingênuos para explicar tais fenômenos. Braudel quis problematizar em conjunto, e não individualmente, o que se parece a iniciativa verdadeiramente pioneira, ou até dias sem concorrentes. Enquanto os Franceses investiam no estudo da sociedade, os alemães gravitavam a relevância do “Estado”. Com isso a Geo-História não era a somente a fusão de duas tradições, e sim um aperfeiçoamento das duas sociedades.

Entende-se que a Geo-história no século XX teve sua fusão interdisciplinar, após uma grande crise, e dessa crise tirou-se proveito de alguns questionamentos em que a história estava se distanciando da geografia e vice-versa, foi com a Escola dos *Annales*

iniciada com Marc Bloch e Lucien Febvre, que renovou as ciências humanas. Foi a partir do segundo movimento dos *Annales* com Fernand Braudel que lançou grandes obras, constituindo assim a interdisciplinaridade e até se fusionando criando uma disciplina a Geo-História, que renovou os pensamentos na compreensão da sociedade. Sua consagrada obra é o mediterrâneo em que ele discute os meios naturais e influências num determinado espaço geográfico e que o esse espaço modifica o homem fisicamente e mentalmente, o mediterrâneo é um lugar que tem diversidade em que as paisagens se debruçam os mares se encontram e variadas culturas se chocam.

“O que é o Mediterrâneo? Mil coisas ao mesmo tempo. Não uma paisagem, mas inúmeras paisagens. Não um mar, mas uma sucessão de mares. Não uma civilização, mas civilizações sobrepostas umas às outras. Viajar pelo Mediterrâneo é encontrar o mundo romano no Líbano, a pré-história na Sardenha, o islã turco na Iugoslávia. É mergulhar nas profundezas dos séculos, até construções megalíticas de Malta ou até as pirâmides do Egito.“ [...] Tudo por que o Mediterrâneo é uma encruzilhada muito antiga. Há milênios tudo converge em sua direção, confundindo e enriquecendo sua história: homens, animais de carga, veículos, mercadorias, navios, idéias, religiões, artes de viver. (BRAUDEL, 1988. p. 2).

Braudel é historiador de formação, no entanto é considerando como geógrafo também suas obras sempre protagonizam a influência do espaço, segundo ele Vidal de La Blache foi o pesquisador mais importante para a renovação da história que despertou inúmeras coisas que até então não se tinha descoberto nas ciências humanas, Vidal discutia o possibilismo na qual a natureza transforma o homem, mais o homem também transforma a natureza ao seu favor numa espécie de adaptação ativa. Fernand Braudel em duas grandes obras: O Mediterrâneo, e, Gramática das Civilizações, discute o espaço Geo-Histórico das civilizações, as variações do espaço territorial e cultural determinam a identidade de uma civilização. Segundo Braudel civilização corresponde a espaço e unidades sociais (a cultura) este determinado espaço tem uma fronteira que exerce uma cortina que separam as civilizações uma sociedade da outra, entre elas encontramos as diversidades de se alimentar de dormir de se comunicar entre outras e quando estes espaços são invadidos por outros, causa um choque entre estas culturas em que no princípio gerava guerra, e atualmente podemos a prender e procurar enxergar paradigmas diferentes. Segundo Braudel civilizações são, espacialidades, economias e mentalidades coletivas, estas civilizações estão num quadro de longa duração podendo-se encontrar no espaço e no tempo, sendo um espaço ele está determinado a sofrer modificações historicamente ele afirma no livro Gramática das Civilizações discutindo o espaço e a transformação do espaço em que o homem é responsável também por

transforma a natureza, Braudel era marxista também e usava sempre uma frase de Karl Marx: “o homem transforma a natureza a traves do seu trabalho, e o trabalho transforma o homem ou seja a natureza transforma o homem”:

As civilizações seja qual for o seu tamanho, tanto as grandes como as medíocres, sempre podem localizar-se num mapa. Uma parte essencial de sua realidade depende das restrições ou das vantagens de sua localização geográfica. [...]. Naturalmente essa localização foi adaptada pelo homem desde há séculos, eu mesmo muitas vezes desde há milênios. Não há paisagem que não traga a marca desse trabalho contínuo, aperfeiçoado ao longo de gerações em suma capitalizado. Graças a esse labor o homem transformou a si mesmo, por esse poderoso trabalho de si sobre si, ou por essa produção do homem pelo homem. (BRAUDEL, 2004. p. 31)

A contribuição de Braudel para compreender as culturas e o modo de vida se consolidou para entender as economias de mercado os meios de produção, em que o capitalismo parte de uma esfera de espaço para dominar os outros espaços no livro

Fernand Braudel em duas ele discute o espaço Geo-histórico das civilizações, as variações do espaço territorial e cultural determinam a identidade de uma civilização. Segundo Braudel civilização corresponde a espaço e unidades sociais (a cultura) este determinado espaço tem uma fronteira que exerce uma cortina que separam as civilizações má sociedade da outra, entre elas encontramos as diversidades de se alimentar de dormir de se comunicar entre outras e quando estes espaços são invadidos por outros, causa um choque entre estas culturas em que no princípio gerava guerra, e atualmente podemos a prender e procurar enxergar paradigmas diferentes. Segundo Braudel civilizações são, espacialidades, economias e mentalidades coletivas, estas civilizações estão num quadro de longa duração podendo-se encontrar no espaço e no tempo, sendo um espaço ele está determinado a sofrer modificações historicamente.

A Geo-História de certa forma encarna a produção geográfica do século XX, pois essa gradativamente, “humaniza” o tempo ao abordado em termos político-econômicos. No ponto de vista da reflexão Braudeliana, representa uma crítica a ciência antes do pós-estruturalismo nos anos 1960 e 1970.

Os dois sentidos da Geo-História, a Geo-História é a história que o meio impôs aos homens, mas a Geo-História também é a história do homem em luta com seu espaço, batalhando contra ele ao longo de dura vida de dificuldades e esforços.

A identidade da Geo-História em A identidade da França, Braudel pergunta se a geografia teria inventado a França, uma pergunta bem complexa, isso para os geógrafos, é um sentimento de privilégio. A escola metódica foi reabilitada na França por volta de

1965, (RÉMOND, 1996). Braudel tenta mostrar nessa obra a real identidade da França num acerto histórico de contas com sua terra natal. Braudel consegue examinar a base Geo-História da identidade e superar o domínio moderno do homem sobre a natureza.

A geografia como linguagem na gramática das civilizações, Braudel mostra a civilização na França, o homem em meio a natureza ultrapassando para a nova civilização, a Geo-História é um ponto discutido para que o homem possa entender seu caminho a seguir.

Contribuições de Febvre e Bloch através dos *Annales* para a Geografia e História

O paradigma dos *Annales* traz através de seus membros o exercício da interdisciplinaridade, nesse caso segundo Kuhn esse grupo isolado seria uma matriz disciplinar através de vários elementos que formam um todo juntos. Algumas questões são postas quanto isso. Onde tenta saber se os *Annales* trouxeram algumas novidades ou era a mesma coisa da história tradicional.

Para Braudel a construção teórica de modelo dos *Annales* se deu em 1929, por Febvre e Bloch, onde combateram a escola tradicional e não pensaram e nem tiveram a intenção de criar um paradigma. "o que eles propuseram foi somente a 'troca de serviços' da história com as ciências sociais" (REIS, 1996 p. 56-57). Essa troca foi o que constitui essa novidade radical em 1929. Começou com a organização de um pequeno grupo de professores nos anos 20, na qual fundou essa revista, na Universidade de Estrasburgo. O objetivo era "retirar a história de seu isolamento e aproxima-la das outras ciências sociais" (REIS, 1996 p. 58).

Apesar de acharem que não houve mudanças na história, Reis nos mostra o contrário. Os *Annales* realizaram uma mudança substancial no conhecimento histórico. No início do século XX houve uma crise do conhecimento histórico. Nisto, as instituições históricas se tornaram alvo fácil para as novas ciências sociais. Estas estavam adaptadas as novas realidades diferentemente da história tradicional, nesse caso as novas ciências queriam que a história revesse os seus métodos onde elas conseguiam resolver os seus problemas. Com os novos métodos, o grupo dos historiadores ficou assim dividido nos que seguiam as novas ciências e os que ficaram com a história tradicional.

Os *Annales* da época aboliam, de certa forma, a história tradicional. Eles passaram a praticar todos os procedimentos que a história 'normal' interditava, destruíram suas velhas crenças, previsões e preconceitos, mudaram até mesmo a concepção de 'ciência histórica' (REIS, 1996 p. 60).

Essa nova história traz novos olhares para as pesquisas históricas, nesse caso os *Annales* trouxeram esse progresso a partir do método crítico aprimorado sob novas concepções.

Febvre foi um influente historiador modernista francês, cofundador da chamada Escola dos *Annales*. Tem como uma característica registrar o conceito de tempo histórico de sua época e dado pela história tradicional dita positivista. Faz críticas ao conceito positivista onde tem o tempo histórico voltado a problematizações, "Era uma solução de fácil realização", (REIS, 1994 p. 41) justificando o presente pelo passado. Faz contradições a isso e diz que se partimos desse princípio, o passado revelará indecisões. "Aquele conceito de tempo histórico positivista não era mais adequado à realidade vivida na sociedade europeia, que passara por mudanças profundas no século XIX ao XX" (REIS, 1994 p. 42).

Febvre propôs um tempo histórico reconstruído, quer agora uma história-problema. Apenas datas com precisão não basta é preciso os questionamentos, as interpretações. Para ele o tempo do historiador não é refazer o que se passou mais sim reconstruir através dos fatos. É preciso através do presente conhecer o passado. No passado o evento é petrificado, mas no presente está em constante transformação. O tempo da história problema tem seu sentido na teoria, que busca a problematização através da reconstituição, e na prática, onde esse conhecimento busca através da crítica do passado para informar ao presente.

Bloch foi um historiador francês e um dos fundadores da Escola dos *Annales*. Deixou-se influenciar pelas ciências sociais, seguindo ideias durkheimianas, que apesar disso não adere seu caráter positivo. Teve suas influências a partir da renovação da ciência histórica o que ainda pode ser visto nos dias atuais.

A diferença entre Bloch e Febvre segundo Reis é a compreensão do tempo histórico. Bloch vai tentar analisar o tempo através do coletivo, onde vai pensar o tempo vivido possibilitando uma área mais geral através dos diversos aspectos culturais, sociais ou econômicos. O que interessa a ele não é o homem, mas as sociedades humanas. Bloch vai trazer uma história total, para ele as estruturas eram interdependentes econômico-sociais-mentais que interagem formando uma totalidade social, essas estruturas tem uma história, podem mudar. Ele está focado mais na sociedade e não no indivíduo.

A mudança fundamental que aderiram foi o ponto de vista das ciências sociais. A história revela o "caráter temporal dos homens" levando assim as outras ciências essa dimensão de duração, onde lhes mostra a lei do tempo. Ao se associar as ciências sociais os *Annales* adotaram

Seu ponto de vista, emprestar-lhes objetos, instrumentos, métodos e oferecer-lhes a dimensão do tempo, que limita a validade de seus modelos e dos resultados de suas pesquisas pelo estabelecimento da duração de seus objetos e saberes (REIS, 1996 p. 64-65).

Deram as ciências essa dimensão do tempo adotando seus pontos de vista. As ciências sociais como a sociologia, a geografia humana, a economia, a demografia, a psicologia, trouxeram vários resultados significativos para a história. Temos o exemplo a história econômica, das mentalidades, antropológicas. Bloch e Febvre defendem a interdisciplinaridade onde se dava por um "objeto comum" onde essa troca era necessária para que ao olhar um objeto tivesse uma visão mais global dele.

Como já foi dito, os *Annales* irão para o ponto de vista das ciências sociais recusando os objetos da história tradicional. Um desses objetos recusados foi a política, onde era vista como "a história dos serviços dos estados nacionais". Ao recusá-la eles definiram o seu próprio programa.

No século XX, a Europa não era mais o centro do mundo, então agora se é falado de "civilizações", nesse caso os *Annales* irão trazer uma história que "visará antes aquilo que os homens não sabem que fazem, e não mais seus planos declarados, suas causas edificantes, suas crenças libertárias" (REIS, 1996 p. 69).

Na primeira fase da revista os objetos estão ligados a história da economia, a sociologia, a geografia e a demografia, fazendo assim artigos ligados a essas ciências que são atuais nos anos 1990, onde teve uma grande repercussão pela sua variedade de perspectiva.

Para Braudel, o conceito de civilizações depende do olhar de cada ciência social, nisso a história compreendera esse termo com o olhar de uma outra ciência, como a geografia, vindo a geo-história através do homem em relação ao espaço e ao meio ambiente. Nesse caso uma mudança social de longa duração. Temos também a história econômica trazendo as civilizações, mas através de dados econômicos. Tendo assim "o olhar específico só historiador sobre as civilizações, o olhar que considera a longa duração e os tempos articulados, varia condicionado pela ciência social à qual a pesquisa histórica se associa." (REIS, 1996 p. 71)

O historiador estuda esse meio oferecido pelas outras ciências sociais. O objeto dos *Annales* era tratar dessas civilizações a partir de perspectivas das outras trazendo assim o tempo.

Nesse caso, os itens da civilização adquiriam maior destaque entre 1946 e 1968 sendo assim em 1968/1969 além das alianças já tida com outras ciências os *Annales* traz uma nova aliança com a antropologia. Nisto nas fases do *Annales* que são três, vemos que a história faz diversas alianças com as ciências sociais em cada uma delas, o presente e o passado, a influência sob o outro, não há mais história política.

Alguns membros querem que a história política volte, onde retoma através de seu crescimento nas sociedades modernas. Temos a política econômica, política demográfica, política cultural. Onde foi assim modificada não ligada aos grandes indivíduos, mas ao advento das massas.

CONCLUSÃO

Através dos estudos que até chegar ao século XX o pensamento Geográfico e Histórico era visto como algo específico, os pesquisadores achavam que cada profissional deveria se focar somente em sua área, a geografia tratava-se apenas do espaço geográfico e a história apenas contava a história de fatos que a se passaram, eventos históricos importantes focados em data, mas, após os pensamentos Braudeliano, Vidaliano, além de Bloch e Febvre, e correntes como o positivismo e o historicismo fizeram com que esses novos métodos progredissem.

Os *Annales* tiveram uma grande contribuição para o pensamento histórico e geográfico, trazendo concepções do homem no espaço-tempo. Através da interdisciplinaridade podemos hoje fazer a junção das ciências sociais com a história, através da troca de conhecimentos de cada uma e através do homem e do espaço, o espaço como objeto do tempo histórico desde as atividades humanas mais simples às mais complexas. Essas novas teorias visavam superar esse olhar minucioso. Contudo que foi mencionado no decorrer do artigo a Geo-História foi criada por Braudel e é uma ciência muito importante para compreender a formação do homem e sua relação com a natureza, podemos entender que o homem tem um relacionamento com o meio natural, e acelera essa mudança entre ambos isso consolida um impacto muito forte. Essa ciência é tão interessante e essencial que é difícil entender porque ela é tão nova. No entanto se

compreende que com a Nova História não se dá mais ênfase ao relato episódico, nem apenas ao espaço geográfico, agora essas duas ciências são baseadas na pesquisa, no diálogo, na análise, ou seja, há uma promoção da interdisciplinaridade com as disciplinas, é um novo campo que introduz metodologias que estabelece relações, entre o espaço e o tempo, passado e presente na formação territorial e o desenvolvimento das sociedades.

REFERÊNCIAS

1. ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. O que é História da Ciência. **Coleção Primeiros Passos**. 2011.
2. BRAUDEL, Fernando; **O Espaço e a História no Mediterrâneo**. Fernand Braudel; São Paulo, SP. Ed. Martins Fontes. 1988. (Raimundo Alves de Araújo.Mestrado UECE.Fortaleza;05/04/09).
3. BRAUDEL, Fernand **Gramática das civilizações** (tradução Gramática das civilizações Antonio de Pádua Danesi.-3ª Ed.:Martins fontes,2004.
4. PERLATTO, Fernando. História e Geografia: Um diálogo necessário.
5. PIRES, Hindenburgo Francisco. Reflexões sobre a Contribuição da Geografia Histórica e da Geohistória na Renovação dos Pensamentos Geográfico e Histórico no Século XX. In: I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico, 2008, Uberlândia. **Anais do I Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico**. Uberlândia: UFU, 2008. v. 1. p. 01-18.
6. REIS, José Carlos. **Nouvelle Histoire e o tempo histórico**: a contribuição de Bloch, Febvre e Braudel. 1994.
7. REIS, José Carlos. O programa (paradigma?) do Annales “face aos eventos” da história. In: **A história entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Ática S.A. 1996
8. RIBEIRO, Guilherme. Mitos e ciência nas interpretações sobre Vidal de La Blache. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 7-21, mai/ago. 2014.
9. RIBEIRO, Guilherme. Epistemologias Braudelianas: Espaço, Tempo E Sociedade Na Construção Da Geo-História. **Universidade Veiga de Almeida - Cabo Frio (RJ)**. N. 15. 2006.
10. THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural. São Paulo. **Companhia de Letras**. 1988.